

Dia do Pendura, de Costume Honroso a polêmico e em desuso

Curador da Memória Institucional do TRE, José D'Amico Bauab, o Zezinho, conta histórias do Pendura

Foto: Aurimar Silva

Como em 11 de agosto de 1827 foi editada a [lei Imperial](#) criadora dos dois primeiros cursos jurídicos do país (em São Paulo e Olinda, transferido para o Recife em 1854), a data viria a ser celebrada como o Dia do Jurista. A efeméride chegou mesmo a se tornar feriado no âmbito da Justiça Federal em 1966, mas, nessa mesma época, uma celebração mais antiga e radical já dava lugar a polêmicas: o Dia do Pendura.

De origem incerta, o Pendura surgiu como uma prática de privilégio e cortesia. Segundo o curador da Memória Institucional do TRE, José D'Amico Bauab, o Zezinho, “na São Paulo do século 19, era uma honra para os poucos donos de restaurantes da época receberem os acadêmicos de direito no 11 de agosto e, numa cortesia, não lhes cobrarem as contas. Obviamente, essa tradição ficou benfazeja enquanto só tínhamos o curso de direito do Largo São Francisco”.

Pode ser até um pouco difícil de imaginar esse contexto atualmente, em face dos [2.467.521 graduados em direito no Brasil](#) – de acordo com o Censo 2022. Em [matéria para o Migalhas](#) sobre o tema, o advogado Luiz Carlos Bettiol, que foi presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto (USP) em 1959, declarou que o cenário começou a mudar com o aumento do número de estudantes. Segundo Zezinho, “foram se assomando tantos cursos, que o Pendura se tornou um embaraço, porque a quantidade expressiva de acadêmicos fez com que vários restaurantes rechassem a gratuidade das refeições feitas no dia 11”.

Formado no Largo São Francisco em 1988, ele conta que “o pior tipo de Pendura era o selvagem, que consistia em, após a refeição, se evadir do local, como diria o poeta, ‘em desabalada carreira’”. Além dele, também havia o Pendura tradicional – em que, “com a chegada da conta, os acadêmicos se recusavam a pagá-la, mas fazendo um discurso bem-humorado ou cantando uma trova do Onze de Agosto” – e o diplomático, que acontecia em combinação prévia com o restaurante.

Com muito mais pessoas “pendurando” por aí, passou a haver registros de atos inusitados ou até mesmo polêmicos. Aconteceu desde um [Pendura no Palácio dos Campos Elíseos](#) no inícios dos anos 1960, com o então governador em exercício Porfírio da Paz, até a realização de um [casamento no restaurante “Cousine du Soleil”, do extinto hotel Maksoud Plaza](#) (clique em “Pendura!” ao acessar o link), na década de 1980, que quase se torna um caso de polícia. Essa e algumas outras histórias são contadas por Antonio Silvio Curiati.

Qual o presente e o futuro dessa tradição? O desuso. Embora ainda seja eventualmente praticada, as mudanças de perfil dos acadêmicos de Direito, o aumento exponencial de seu número, a disseminação territorial de sua presença, para muito além das cidades de São Paulo e Recife, bem como o contexto social de hoje, certamente são fatores contributivos. Como escreveu o príncipe dos poetas muito antes de tudo isso, “todo o mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades”.